

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS.**

Adão Gilson Nogueira

Instruídos e educados: Algumas reflexões sobre educação em Bias Fortes.

JUIZ DE FORA

2017

Adão Gilson Nogueira.

Instruídos e educados: Algumas reflexões sobre educação em Bias Fortes.

Artigo de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação de ciências sociais da
Universidade Federal de Juiz de Fora, como
requisito parcial para obtenção do Grau de
Bacharel em Ciências sociais.

Orientadora: Prof^a. Dr^a: Cristina Dias da Silva

JUIZ DE FORA

2017

Instruídos e educados: Algumas reflexões sobre educação em Bias Fortes.

Adão G. Nogueira¹

RESUMO:

Esse artigo traz uma análise etnográfica das trajetórias de vida entre os moradores de Bias Fortes, onde eu busco traçar demandas de educação, trajetórias de vida e de sociabilidades no município. A temática explora dimensões fundamentais como o próprio conceito de educação em uma comunidade rural, a relação existente entre essa categoria e outras categorias nativas. Tal conceito inclui tanto a perspectiva plural escolar (trajetórias que vão do ensino fundamental ao médio), quanto às perspectivas locais sobre esse tema.

Palavras chaves:

Educação, Sociabilidades, Rural.

Summary:

This article presents an ethnographic analysis of life trajectories among the residents of Bias Fortes. I seek to trace educational demands, life trajectories and sociabilities in the municipality. The theme presented here explores fundamental dimensions such as the concept of rural education itself, its genesis and its scope, and also the connection between education and other native categories. In this matter, a field of possibilities about education takes place, including both the plural school perspective (trajectories ranging from elementary to middle school) and the native perspectives of this problem.

Keywords:

Education, Sociabilities, Rural.

¹ Graduando em ciências sociais pela universidade federal de juiz de fora. Artigo apresentado para a banca para a obtenção de bacharel em ciências sociais.

Introdução.

Trato educação nesse trabalho não apenas num sentido tradicional de aluno x escola, mas num sentido amplo que abrange certas características que perpassam o decorrer da vida, como, por exemplo, os aprendizados que se adquire dentro das comunidades e na relação com a terra, até a chegada a escola e também como fica essa relação com esse novo conteúdo. Meu interesse pelo tema vem desde a adolescência quando eu ainda cursava o ensino médio, ficava observando a rotina das pessoas e também o cotidiano da cidade e certa rotina coletiva, produzia vários questionamentos do tipo: “... será que as pessoas não vão buscar algo novo fora da cidade, como por exemplo, continuar a estudar?...” A escolha por Bias Fortes foi porque lá passei boa parte da vida e, agora volto a essas questões com um olhar diferente. Inspirado num certo pensamento de Geertz quando diz:

... “tem que haver uma preocupação em ver o fenômeno a partir de uma perspectiva do outro, conhecendo a maneira dos nativos perceberem o mundo, ...” Geertz (1989).

Nesse caso, eu sinto como estivesse nos dois lugares ao mesmo tempo, pesquisador e nativo. Quando eu cursava o ensino médio, jamais imaginei “dar continuidade aos estudos”, vários colegas terminavam o ensino médio e não falavam em faculdade ou de fazer algum curso, pois para eles a vida ali seria suficiente e lhes proporcionaria o prazer ou a felicidade desejada, ter um serviço na região, se casar e constituir uma família.

Ao terminar o ensino médio eu tive uma surpresa quando um amigo foi cursar direito, justo esse amigo que todo mundo jurava que seria a última pessoa a fazer isso, por nunca ter demonstrado interesse e através desse exemplo me inspirei a fazer o mesmo. Ao ingressar na faculdade busquei estudar assuntos relacionados a educação e com o passar dos anos fui amadurecendo essa ideia, nos últimos dois anos comecei a desenvolver uma pesquisa que tratasse não apenas a educação no sentido escolar, mas pensando educação a partir dos valores que estão ligados a ela, e quando me proponho a refletir sobre as experiências de vida das pessoas em Bias Fortes e com isso, talvez, desmistificar a ideia de que a educação formal esgota o significado da ideia toda que a educação teria.

A primeira etapa da minha pesquisa foi teórica. Antônio Candido, foi fundamental nessa primeira concepção do campo que pensei:

A roça, as águas, os matos e campos encerravam-se numa continuidade geográfica, delimitando esse complexo de atividades solidárias- tal forma, que as atividades do grupo e o meio em que elas se inseriam formavam por sua vez uma continuidade geossocial, um interajuste ecológico, onde cultura e natureza apareciam, a bem dizer, como dois pólos de uma só realidade. (CANDIDO, 1975, p.173)

A segunda etapa foi a minha inserção no trabalho de campo. Como vivi na cidade até os 17 anos, tive facilidade para fazer as entrevistas e conversar com as pessoas. Entretanto, DaMatta (1981) lembra que outras dificuldades devem ser consideradas:

“isso implica, realmente, num exercício que nos faz mudar o ponto de vista e, com isso, alcançar uma nova visão do homem e da sociedade no movimento que nos leva pra fora do nosso próprio mundo, mas que acaba por nos trazer mais para dentro dele.” (DA MATTA1981).

Parti para a pesquisa focado em descobrir porquê apenas uma pequena parte dos moradores de Bias Fortes dava continuidade aos estudos escolares, mas fui aos poucos percebendo que para responder essa questão havia outras perguntas que eu devia levar em consideração sobre trajetórias e sociabilidades. Durante o período que estive em campo realizei um total de 60 entrevistas e conversas com moradores locais, perguntando sempre sobre educação e também sobre as sociabilidades locais.

Os “aprendizados” mencionados nas entrevistas consideravam, muitas vezes, as trajetórias dos pais, e o fato de que eram passados de geração para geração. Fui percebendo que o modelo de educação formal era uma possibilidade, mas não era a única. Conhecimentos que eles adquirem durante a vida como, por exemplo, saber qual a melhor época de plantio, como cuidar da terra e a relação de afeto e de hospitalidade com o próximo, são descritos na literatura em abundância (Candido [1964] e Woortmann [1990]) e pude perceber isso durante todo o tempo que estive ‘em campo’.

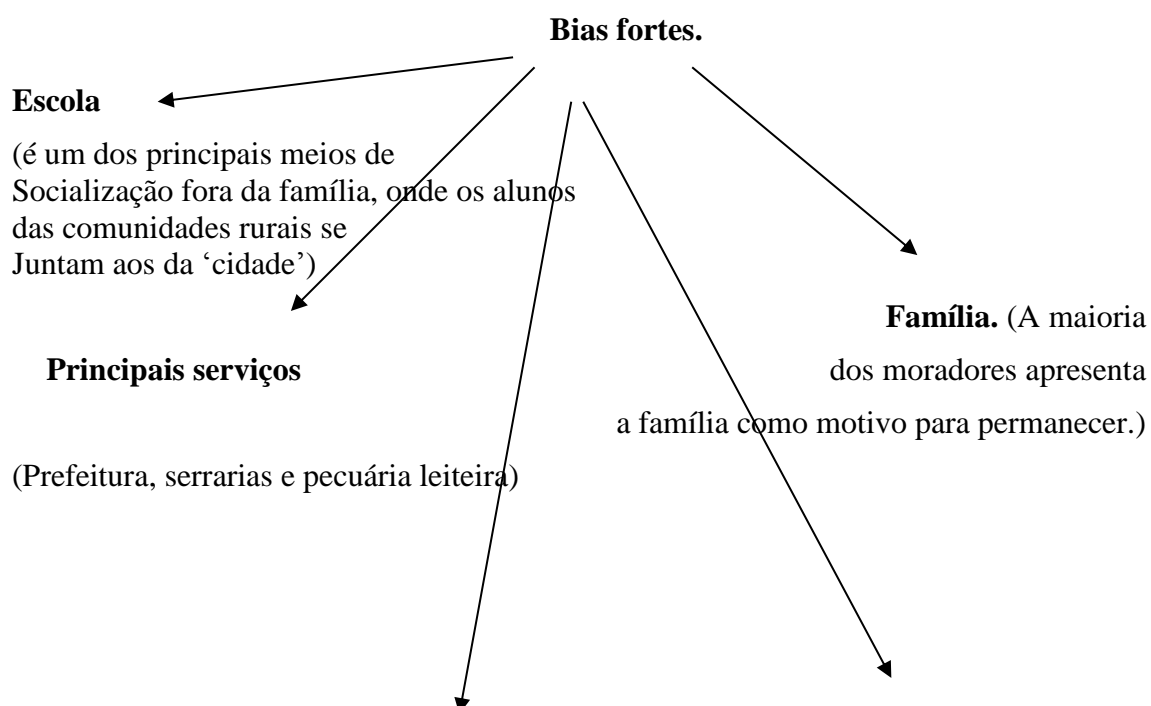
Em *Os parceiros do rio bonito* (1964), Candido apresenta essas formas de solidariedade e união que os caipiras tinham:

Na sociedade caipira a sua manifestação mais importante é o mutirão... as varias atividades da lavoura e da indústria domestica constituem oportunidades de mutirão que soluciona o problema da mão de obra nos grupos de vizinhança, suprimindo as limitações da atividade individual ou familiar. (CANDIDO, p.81)

Devido à grande proporção rural do município, a distinção rural x urbano é de grande importância para se compreender determinados fatores como a própria educação em si. Podemos então caracterizar essa educação no meio rural como um determinado movimento e construção de pessoas. Conforme Marcel Mauss (2003) nos permite observar em “As técnicas do corpo”, a educação pensada como elemento de toda cultura é muito mais ampla do que a educação no sentido escolar: a educação seria um conjunto de trocas de conhecimentos e conformam um jeito de falar, jeito de andar, jeito de sentar. Essa compreensão se distingue da concepção de campo/roça, sendo o campo não apenas um espaço de produção (agricultura), mas um espaço de socialização (Weitzman, 2015).

Aspectos contextuais e inserção em campo.

Durante o tempo que estive em campo, percebi alguns pontos que passavam despercebidos quando eu ainda morava na região e que agora pude ver com um olhar diferente, dentre elas destaquei algumas:



Lazer.

Festas

(Cachoeiras, festas,
cavalgadas, etc.)

(Um dos principais atrativos econômicos e de socialização da cidade

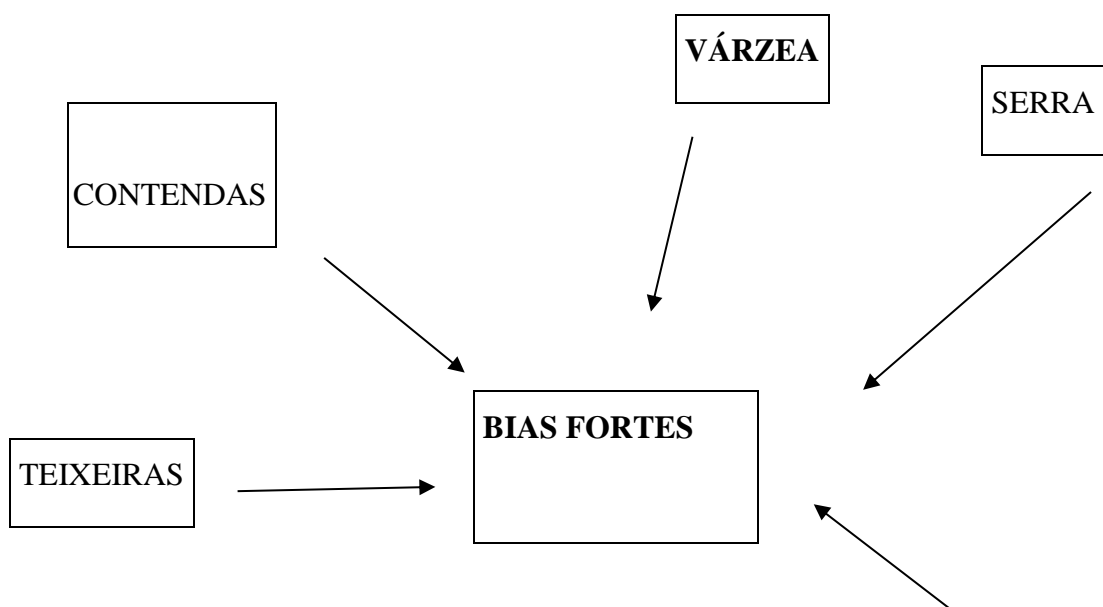
São as mostras de trabalhos artesanais

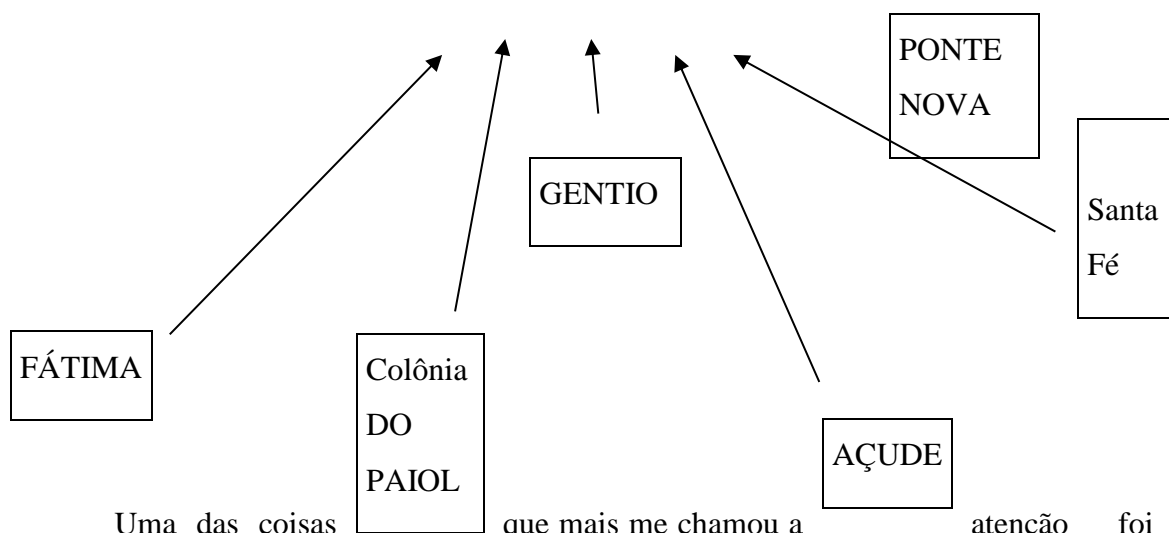
que o município produz, marcado pelas festas de setembro)

Bias Fortes Bias Fortes é um município brasileiro da conhecida Zona da Mata mineira, com população estimada em 3.796 habitantes em 2010.

A cidade teve, pioneiramente, a denominação de "Quilombo", por haver sido em um passado recente um quilombo, tendo esse nome genérico de quilombo perdurado por longos anos; mais tarde, porém, foi mudada para União, em virtude do Decreto Municipal n. 148 de 20 de maio de 1896 (que regulamentou a Lei n. 5 de 15 de fevereiro de 1896 do Conselho Distrital). Atualmente recebeu o nome de Bias Fortes, prestando homenagem à memória de Crispim Jacques Bias Fortes – um político influente de Barbacena. O município conta com dezoito arraiais, sendo quatro de maior expressão: Colônia do Paiol, Fátima, Ponte Nova e Várzea de Santo Antônio.

O desenho a seguir mostra como é o fluxo dos alunos que vem estudar na ‘cidade’ e também o trajeto dos moradores precisam fazer para suas necessidades como alimentos e consultas médicas.





que a população urbana é menor que a população rural, mas os acessos às escolas estão disponíveis a todos, e o município oferece escolas de nível primário a todas as comunidades da região – mas há o percurso físico até a escola no ensino médio². Quando os alunos, (de um modo geral e não apenas os que eu entrevistei) terminavam o nível primário eles eram encaminhados para ingressar no ensino fundamental e tinham que se deslocar entre 6 a 12 quilômetros até a escola. Hoje em dia a prefeitura disponibiliza transporte escolar e por isso o grupo que eu foquei em minha pesquisa foi um grupo numa faixa etária entre 20 e 30 anos, que passaram por situação diferente, tendo o transporte escolar já atuante. Situações como longas caminhadas para chegarem às escolas, o trabalho na roça que concorria com a escola, ou desânimo pela ambiguidade vivida eram comuns na época em que frequentei também o ensino médio.

Bias Fortes sofre pela falta de investimentos públicos, seja em educação, saúde e ou estradas que a ligam o município a outras cidades. Esses fatores também influenciam na saída de moradores da cidade, a precariedade das escolas e também das estradas são tamanhas, que em períodos chuvosos esses acessos ficam impraticáveis, fatos esses

² Bias Fortes por ser um município cuja maioria da sua população reside em áreas da zona rural apresenta um fato muito interessante dentro do âmbito da escola. Como já havia dito todas as comunidades pertencentes ao município possuem a rede municipal de ensino como referência. Atualmente, ao irem para a zona urbana para continuarem os seus estudos no ensino fundamental e médio, os alunos são inseridos “automaticamente” numa divisão de turmas, em que todos aqueles que vêm da zona rural são separados dos alunos da zona urbana. A diretora explica que é devido ao fato da afinidade entre as turmas e por isso continuam juntas. As salas geralmente são divididas por números ou por letras, por exemplo: 6*ano A, 6*ano B... 7*ano 1, 7* ano 2.

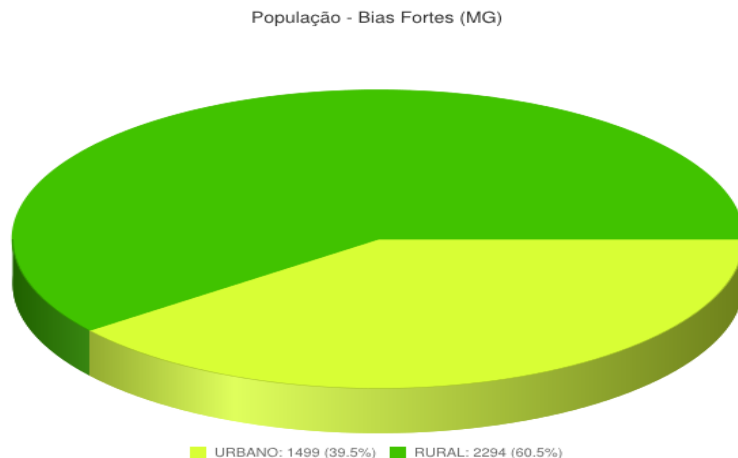
Existe na escola essa divisão de “classe”, e essa divisão perdura por todo processo de aprendizagem do aluno, gerando um desconforto entre os alunos. Dentro da escola esse fato na maioria das vezes passa despercebido pelos que estão de fora, mas trazer esse detalhe à tona e mostrar como essa divisão acontece pode ajudar a esclarecer como os moradores pensam a educação formal e o lugar da escola em suas vidas.

destacados pelos próprios moradores, que ressaltam que se houvesse mais recursos não precisariam sair da cidade em busca dessas melhorias.

Principais destinos das pessoas que deixaram a cidade de Bias Fortes
Juiz de Fora - 43% das pessoas
Barbacena- 30% das pessoas
Outras cidades- 27%

Extraído da média das entrevistas.

Apesar do município não oferecer um amplo mercado de serviço, ele possui uma grande extensão latifundiária com a pecuária sendo a que mais propicia empregos, além do trabalho com eucalipto em serrarias e a prefeitura. Segundo os moradores, Barbacena e Juiz de Fora cidades são as cidades que mais oferecem oportunidades de emprego, escolas, entre outros.



Fonte: IBGE

Se a economia do município de Bias Fortes se baseia na agropecuária - especificamente na pecuária leiteira, esta vem enfrentando sérios problemas com falta de mão-de-obra e financiamento. Esses “índices” de desemprego são baseados em relatos da população local, segundo os moradores o município sofre com a falta de empregos, os poucos empregos que tem são muito concorridos, como a demanda é

menor que a procura o que resta é procurar emprego em outra cidade. A falta de infraestrutura e de políticas públicas são apontadas pelos moradores como questões primordiais a serem resolvidas pelo poder público na cidade. A saúde também é um fator muito agravante no município e é apontada pelos moradores como crítica.

Raízes, fatores e motivações.

Vale apenas sinalizar que o movimento entre as comunidades da zona rural e a cidade (Bias Fortes) é muito constante, posso dizer que eu conversava com muita gente da zona rural que estavam ali ou para a compra de alimentos ou levar alimentos para serem vendidos. As entrevistas foram realizadas com pessoas da zona rural e da zona urbana, às vezes aconteciam em um bate papo na rua ou num fim de tarde na praça da cidade, mas também aconteciam muitas vezes na casa das pessoas, a maioria conhecidos desde a infância, quando eu passava para tomar um café. Às vezes ficávamos horas conversando e sempre chegava alguém para conversar também, o papo se estendia, um dia eu estava na casa de um conhecido fazendo uma entrevista e chegaram mais três amigos dele e aproveitei para entrevistá-los também.

O processo de levar e trazer alimentos e comidas engendra uma gama de relações, é o alimento como um canal de mediação entre dois universos, o de origem e o atual. Através da fala de Dona Joana moradora da comunidade de Ponte Nova, podemos ver uma explicação desse processo:

Eu prefiro comer os alimentos aqui da roça, mas de uns tempos pra cá as lavouras diminuíram e praticamente acabaram, às vezes sinto vontade de comer aquele feijão novo ou de comer aquele angu feito de fubá de cá (fubá de moinho d'água), que é outro sabor, aí tenho que ir à cidade ou encomendar de alguém, pois os outros industrializados não são a mesma coisa.

Essa situação expressa pela dona Joana em relação aos alimentos está ligada diretamente à construção do sabor, que somente os alimentos plantados e colhidos na roça têm. De certa forma, isso também remete a um tempo vivido, ao jeito de preparar os alimentos e de comer. Outro ponto a se destacar é a impressão sobre a roça, que para a maioria das entrevistas a roça sempre foi considerada como o local de origem. Em muitas conversas pude perceber como existia uma força emotiva ligada a esse local de

origem, muitas vezes expressos como uma forma de saudade. Lembro-me de Joel, nascido na região e migrado para a cidade vizinha:

Às vezes dá uma saudade da terra da gente né? Não sei o porquê..., mas pelo menos quando posso estou sempre aqui, me sinto bem e é aqui que eu tenho as melhores lembranças da minha vida... sinto falta de tudo, da comida, da casa, dos vizinhos, do campo, e mais ainda das brincadeiras que realizávamos, aquilo sim era infância... (Joel).

Essas lembranças expressas no depoimento acima recuperam de algum modo não só a saudade, mas de certa forma recupera experiências e lembranças da infância que estão vinculadas a aquele espaço, o meio rural. Para alguns que nasceram e foram criados na zona rural do município as práticas agrícolas vivenciadas às vezes geram sentimentos negativos, como no depoimento de João, que mora na comunidade de gentio - a mais próxima da cidade de bias fortes, e é um antigo colega que eu tive no ensino médio:

A vida aqui na roça é muito ruim, não se tem nada para fazer e também nenhum entretenimento, às vezes penso em sair daqui, mas é muito forte o laço que eu tenho aqui com a terra entende... é aqui que eu domino o conhecimento que adquiri com o meu pai e se eu for embora terei de começar algo novo e aprender também... isso me deixa muito inseguro. “ (João)

Ao mesmo tempo em que existe uma insegurança em buscar por experiências novas e em outra cidade, também há uma relação com os conhecimentos adquiridos, essa ambiguidade está presente em muitos com quem conversei, e posso dizer que essas palavras acima representam outro valor de educação.

Durante minhas idas e vindas percebi o quanto era forte essa posição de pesquisador, como as pessoas tinham um estranhamento ao me verem como um entrevistador. Por ser da comunidade de colônia do paiol não enfrentei muitas dificuldades como falta de acesso, mas enfrentei situações muito inusitadas durante as entrevistas.

Edson, que havia sido uma inspiração para mim, regressou e não se terminou sua faculdade. Fui conversar com ele, naquele momento ele estava trabalhando em um posto de combustível que é o único da cidade e como o movimento era baixo sempre sobrava

um tempo para uma conversa. Lembro-me que antes de fazer algumas perguntas a ele, jogamos um pouco de conversa fora só que ao falarmos das nossas vidas fui percebendo que de certa maneira o andamento de nossa conversa já estava me fornecendo informações preciosas como as expectativas de vida e de educação formal - foi uma das entrevistas que mais me ajudou a compreender fatores que eram importantes na vida de muitos ali, como o valor em morar na região:

Morar aqui tem seus altos e baixos, mas também tem o seu valor. O custo de vida não é muito alto, mas as coisas para comprar aqui sim... lembra quando a gente estudava e, que fazíamos planos sobre nossas vidas? Pois é, hoje estou eu aqui trabalhando e posso dizer que estou feliz, não estou fazendo o que eu sonhei que era ser advogado, mas tenho tudo que preciso aqui que é a minha família e a minha tranquilidade. (Edson).

Através das palavras de Edson podemos perceber como o laço familiar é algo valorizado. Durante as entrevistas algumas vezes as conversas e as respostas eram sempre muito parecidas, como, por exemplo, quando eu perguntava sobre a importância da escola na vida deles. Percebi que para todos a importância da escola era fundamental em suas vidas, a questão da aprendizagem foi destacada por todos, foi o ponto de partida para a vida, foi intermediação entre a aprendizagem e as relações sociais, como Daiana uma das entrevistadas disse:

“... além da aprendizagem, a escola tem um grande papel de socialização, nos ajudando a conviver melhor em sociedade...”

E concluiu da seguinte maneira:

“A escola inevitavelmente deixa de ser apenas um campo de troca de conhecimentos e adentra uma esfera emocional, onde vão permear outros tipos de trocas, principalmente as afetivas... Esses laços afetivos perduram para a vida toda, até que a vida se encarregue de dar continuidade a outros projetos de vida que cada uma vai ter após o término do ensino fundamental...”

Analisando esse fala, a ideia da escola tem valor como espaço de socialização, principalmente entre os próprios alunos. Também ao falar dos laços afetivos estamos falando de parentesco. A intenção em dar continuidade nos estudos era comum, pois ao

continuar seus estudos a possibilidade de melhorar as próprias condições de vida seria muito maior. Todos disseram que se continuassem estudando conseguiriam salários mais altos, estabilidade financeira e cargos mais altos no mercado de trabalho. Expectativas essas, compartilhadas por todos, definem o lugar que a educação formal tem em Bias Fortes, é um valor relacionado à luta, lutar por condições melhores, etc.

Mas, destaco um caso de um entrevistado que morava na comunidade Contendas:

Para mim o verdadeiro valor do saber ou do conhecimento não está somente em universidades, esta aqui veja... Olhe ao seu redor o que deus deixou para nós... Como eu aprendi a lidar com essa terra toda aqui eu jamais aprenderia em uma sala de aula, sei que é muito importante estudar, mas essa formação aqui que eu me formei me foi passada pelo meu pai e a ele passada pelo meu avo e assim por diante... não me arrependo nenhum pouco de não ter estudado mais, pois o que eu preciso para minha vida está aqui....

Podemos perceber que nesse caso que o conhecimento que se adquiri no campo com as práticas agrícolas, independe de qualquer formação técnica na área. Não menosprezando quem o faz, mas, ressaltando a importância dos conhecimentos de quem é do meio. Outra questão que esteve presente nas entrevistas foi a de querer ficar ou sair da cidade, posso destacar que a maioria queria permanecer no município. O grande conhecimento adquirido por muitos vivendo ali na verdade também é algo de longa duração, dominar práticas agrícolas, participar e organizar eventos como os torneios leiteiros, cavalgadas, as festas de setembro, entre outras. Como disse Arnaldo outro entrevistado:

“Esses conhecimentos são tão importantes quanto aos conhecimentos adquiridos por quem tem uma graduação por exemplo...”

Segundo informações dos entrevistados sobre a questão de se mudarem do município, quando indagados houve uma divisão nas opiniões, os que almejam sair do município na maioria das vezes é para conseguir trabalho, ou em menor escala sair para continuar estudando. Os que querem ficar tem como atrativo principal a tranquilidade que a cidade oferece aos habitantes e a noção de viver nesse espírito acolhedor influencia na permanência.

Um exemplo para ilustrar este modo receptivo que muitas pessoas de lá possuem posso falar de um caso que se passou com minha própria família. Certa vez minha irmã conheceu uma pesquisadora que estava fazendo um doutorado sobre comunidades quilombolas e, então, minha irmã que já não morava mais lá, entrou em contato com minha mãe que de imediato a recebeu. Ela ficou por vários dias e ao ir embora quis retribuir pagando a estadia e meus pais não aceitaram, pois o que estavam fazendo não era por interesse financeiro, mas por prazer em receber alguém em sua casa. Antônio Candido em parceiros do rio bonito já falava sobre essa questão onde o valor da hospitalidade sobrepõe valores financeiros.

Quando se fala em mudar do município várias questões e uma delas é “a tranquilidade de cidade pequena”, mas o que está embutido nela é a relação ou “enraizamento” que os mais velhos têm com local, uma relação de afeto e carinho pelo e para deixar isso tudo para traz seria como deixar um pedaço deles para traz, por isso muitos preferem continuar ali, que é onde construíram suas vidas, suas histórias e memórias.

Seu Juca relata bem isso em sua fala:

Nasci, cresci e quero morrer aqui... não me vejo em uma cidade grande, me sentiria um passarinho preso na gaiola. Tudo que eu tenho e que eu construí está aqui, minha vida tá aqui, adoro acordar cedo, sentir o cheiro da manha, isso me faz bem, é diferente do ar da cidade grande, lá é tudo poluído...

Essa fala de Seu Juca nos mostra também que existe outros significados de educação, que nesse caso é uma educação dos sentidos, que nos remete pensar como é importante e o valor que esses conhecimentos tem em nossas vidas, que as vezes passa despercebido no nosso dia a dia.

As festas são uma motivação que os moradores têm em comum e foram muito destacadas nas entrevistas como pontos positivos da cidade, como o torneio leiteiro e as cavalgadas e, alguns atrativos naturais como cachoeiras, paisagens e a proximidade com o parque nacional de Ibitipoca. As festas fazem parte da cidade, integram a cidade em torno do que produz, como os artesanatos, doces e queijos.

Em uma das vezes que fiz uma entrevista numa feira cultural na cidade, com exposição de produtos artesanais e de comidas típicas da região e mesmo dentro de uma barraca de laticínios, pude entrevistar D. Rosa que destacou:

“Hoje vivo de artesanato e de produtos que faço para vender, é muito gratificante o que faço... Trabalho com o que gosto e ainda me divirto nas festas. Aprendi desde cedo o valor das coisas e por isso luto todos os dias para alcançar os meus objetivos.”

Com isso o projeto de vida de muitos é de continuar na cidade, onde ao terminarem o ensino médio logo em seguida a grande maioria se casa, as relações de parentesco de várias formas, como Carlos Eduardo relatou a mim:

“o que eu quero agora é continuar trabalhando e auxiliar nos estudos da minha filha para que ela tenha uma oportunidade que eu não tive”.

Considerações Finais

Bias Fortes tem grandes festas regionais que tem como finalidade o lazer da população e ainda atrair turismo de cidades vizinhas como a exposição agropecuária realizada em setembro, feiras artesanais e a festa de Nossa Senhora das Dores, padroeira da cidade. São nesses momentos que aqueles que ali residem, desejaram ficar e mostraram como é importante esse aprendizado do torneio leiteiro e também as cavalgadas. Como diz Halbwachs (2004):

A memória individual não está isolada. Frequentemente tomam como referência pontos externos ao sujeito. O suporte em que se apoia a memória individual encontra-se relacionado às percepções produzidas pela memória coletiva e pela memória histórica (HALBWACHS, 2004: pp. 57-9).

Devemos entender o espaço rural como produção de novas relações sociais; de novas relações entre os homens e a natureza; entre o rural e o urbano. Nesse tcc, o rural foi território de produção de história e cultura, de luta de resistência dos sujeitos que ali vivem. Por isso ao tratar a questão da educação devemos levar em consideração que a escola talvez sempre tenha sido uma forma de criar indivíduos pensantes e autônomos,

porém não quer dizer que quem não seguiu esse caminho deixará de obter conhecimentos ou até mesmo uma instrução para a sua vida. O sentido de tempo, absolutamente diferentes dos da população urbana, pois dão sinais e indicam momentos mais ou menos adequados às tarefas do trabalho na agricultura, pecuária ou extrativismo. A tranquilidade é uma categoria nativa para falar sobre o tempo e está presente em vários relatos na etnografia, viver em lugar tranquilo como Bias Fortes é de grande importância para todos ali.

A sazonalidade, que se refere ao que é próprio de uma estação ou época do ano, e que se apresenta de forma periódica:

“Cada uma dessas características é própria do campo e a educação para esse grupo social precisa compreender e se adaptar a essas contingências.” (woortmann- 1990)

Dessa maneira ao pesquisar sobre o assunto pude perceber que para os moradores de Bias Fortes, essa concepção sobre o conceito do que é educação perpassa por valores gerados em outros processos de vida:

Cada geração e sociedade recriam e fundamentam sua concepção própria de animalidade como sendo aquilo que se opõem ao que somente nos humanos temos, como a linguagem, a razão, a cognição e a consciência mora. (Tim Ingold, 1995)

A constante troca de influências entre os indivíduos ocorre em virtude de experiências vividas no cotidiano e se manifesta por meio de diversas formas e motivações. É o elemento fundamental que concebe a formação de uma sociedade. Simmel define a sociabilidade como sendo uma “forma lúdica da sociação”. (SIMMEL, 2006). E podemos perceber isso nas falas dos entrevistados como seu Juca quando diz: “...adoro acordar cedo, sentir o cheiro da manhã (...)”

Assim como o cheiro da manhã, o silêncio das noites, a sensação produzida pelo ar local, entre outras formas de sociação, estão diretamente ligadas a essa forma de educação dos sentidos. O conjunto das entrevistas, conversas e convivências mostra que existe uma diferença entre conhecimento e sabedoria, um é o conhecimento formal que vem da educação de cada sujeito pertencente à comunidade que está inserido, e a sabedoria é aquela que independe de uma educação formal, que é adquirida através de experiências vividas ou passadas de geração para geração. Embora se inicie na infância,

o processo de socialização não termina na vida adulta. As experiências são diferentes nas várias etapas da vida humana, onde entramos em contato com pessoas diferentes e passamos por gerações diferentes. Esse contato com diferentes gerações garante a continuidade do processo de socialização de múltiplas formas.

Referências bibliográficas:

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). 2010. *Censo Populacional 2010*.

CANDIDO, Antonio. 1964. *Os parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida*. 11ª. edição. Ouro sobre Azul, Rio de Janeiro.

CARDOSO, Ruth. 2004. *A Aventura Antropológica: Teoria e Pesquisa*. Editora: paz e terra, gênero: antropologia.

DAMATTA, Roberto. 1981. In: *Relativizando: uma introdução a antropologia social*. Petrópolis: Vozes.

GEERTZ, Clifford. (1989): *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos.

HALBWACHS, Maurice. 2004. *A Memória Coletiva*. São Paulo: editora vértice.

INGOLD, Tim. Humanidade e animalidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 28, n. 10, 1995.

MAUSS, Marcel. 2003 [1934]. As técnicas do corpo. In: **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: CosacNaify.

SIMMEL, Georg. A sociabilidade (Exemplo de sociologia pura ou formal. In: _____. **Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade**. Tradução de Pedro Caldas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

SIMMEL, G. El problema de la sociologia. In: _____. **Sociologia: estudos sobre las formas de socialización**. Madrid: AlianzaUniversidad. 1986.

WEITZMAN, Rodica. 2015. Mineiros no Morro dos Prazeres: Trajetórias marcadas pelo fluxo entre a cidade e a roça. In: **Giros etnográficos em Minas Gerais: casa, comida, prosa, festa, política, briga e o diabo**. John Comerford; Ana Carneiro; Grazielle Dainese (orgs.). - 1. ed. - Rio de Janeiro : 7 Letras : faperj, 2015.

WOORTMANN, Klaas “Migração, Família e Campesinato- **Revista brasileira de estudos da população**.Revista Brasileira de estudos de população, jn/jun 1990.